

Questões em estudo para uma melhor compreensão teórica do Núcleo do Eu

Leonídia A. Guimarães

Texto publicado no site da [saladebatepapo-psicodrama](http://br.groups.yahoo.com/group/saladebatepapo-psicodrama):
<http://br.groups.yahoo.com/group/saladebatepapo-psicodrama>

1. Sobre a Estruturação Básica da Personalidade

Modelo do Núcleo do Eu de Rojas Bermúdez

O modelo do núcleo do eu de Rojas Bermúdez implica uma representação estruturada do psiquismo que se refere tanto aos processos evolutivos quanto aos quadros clínicos. Integra este modelo três áreas observadas por Pichón Riviere como modelos evolutivos, consideradas do ponto de vista fenomenológico como áreas de expressão da conduta. No nosso modelo, sem dúvida, coloca-se ênfase no aspecto perceptual como receptor de estímulos e na diferenciação entre as áreas do psiquismo e ambiente no qual se desenvolvem essas condutas. Outro aspecto refere-se à integração da coerência evolutiva, compatibilizando o temporal com o espacial. Este modelo também se propõe a confrontar a atenção do indivíduo quanto à integração das complementariedades existentes e examinar o paradigma referente à relação boca-seio. Assim, as formas complementares surgem como responsáveis pelas experiências evolutivas. Outro aspecto são os processos e componentes que estão implicados nas diversas interações.

Na configuração deste modelo fisiológico os registros neurológicos aparecem como resultado de experiências complexas e complementarias, considerando-se que estes processos estão geneticamente programados. Segundo a Etologia, os esquemas produtores sugerem algumas estruturas genéticas programadas internas e externas, denotando a existência de configurações complementarias geneticamente programada, tanto no indivíduo quanto no ambiente. O registro dessas interações é entendido como marcas mnêmicas que sintetizariam o que foi produzido através dessas experiências, tendo como base a complementariedade das estruturas e as marcas mnêmicas resultantes de tal experiência.

Cada marca mnêmica apresentará características particulares a cada indivíduo e deverá apresentar certa independência pessoal. A organização do psiquismo realiza-se a partir das estruturas genéticas programadas internas e externas e ocorre com base nessas estruturas, sendo esta uma organização neuronal resultante das primeiras experiências nas quais participam diversas modalidades de experiências sensoriais. Dessa forma, os elementos que participam do processo já estão geneticamente programados, entretanto, o como irá acontecer tal processo durante a complementariedade é algo específico para cada indivíduo.

Um outro aspecto a ser considerado são as condições nas quais se produz as interações entre o indivíduo e seu meio, bem como a incidência disto na estrutura do psiquismo, ou como examinar a evolução das áreas que separam o indivíduo do seu meio ambiente.

Além disso, tal modelo toma como referência os postulados do monismo neural emergentista:

- Os estados, acontecimentos e processos mentais ocorrem no cérebro.*
- São estados, processos e acontecimentos emergentes que dizem respeito às interações e processos celulares cerebrais: emergentismo biológico.*
- As relações psicossomáticas são relações entre subsistemas diferentes do cérebro e/ou outros componentes do organismo.*

O Si Mesmo Fisiológico vai se estruturando em relação às diversas interações do indivíduo com seu meio ambiente. A princípio, com base nas características genéticas do núcleo do eu e posteriormente através da aprendizagem de papéis sociais.

Os registros das interações caracterizadas geneticamente se integram ao núcleo do eu e vão incidir de forma permanente no eu, constituindo a estrutura básica da personalidade. Posteriormente, através da aprendizagem social e seus registros integram-se ao eu e ao registro dos papéis sociais, configurando o chamado Esquema de Papéis.

Neurologicamente a localização do núcleo do eu está no sistema límbico e o esquema de papéis no neo-córtex.

A atenção egóica irá oscilar entre os estímulos procedentes do interior (intero e proprioceptivos) e do meio externo ao indivíduo (exteroceptivos). Essas três fontes de estímulos determinam três áreas: Ambiente, Corpo e Mente. Para que o indivíduo elabore e dê respostas adequadas é necessária uma discriminação imediata destas áreas. O modelo propõe uma diferenciação destas áreas a partir da primeira sensação cenestésica de existir, atribuída ao recém-nascido. As experiências entre a criança e seu meio imediato, segundo a própria programação genética da espécie e em sua interação com o ambiente, estariam relacionadas às fontes fisiológicas primárias que são indispensáveis para a vida, porém, ainda não automatizadas como a ingestão, defecação e micção (ligadas aos cuidados maternos). A representação dos registros neurais dessas experiências, inscritas no Si Mesmo fisiológico, configuram o núcleo do eu. Sem mais nem menos, consideram-se dois níveis: um macroscópico, quanto às formas anatomo-fisiológicas complementarias, relacionadas aos cuidados maternos (boca-seio); e outro microscópico, referentes às estruturas genéticas complementares que interagem nas zonas de contato com o meio (fenômenos viscerais).

Se observarmos as estruturas genéticas complementarias vê-se que o sinal sombra corresponde a uma estrutura genética programada externa, complementada e reconhecida por uma estrutura genética programada interna. A marca mnêmica seria o produto da interação entre essas duas estruturas genéticas, porém não seria nenhuma das duas. Além do mais, as características peculiares das marcas mnêmicas que são produzidas, vão depender das experiências concretas e do que houver ocorrido.

A estruturação incipiente do psiquismo, segundo este modelo, pode ser atribuída às características intrínsecas das marcas mnêmicas, e sua sistematização ficariam ancoradas no processo genético das funções fisiológicas internas que dão lugar aos papéis psicossomáticos. De acordo com cada uma dessas marcas, dá-se o nome de papel de ingeridor, papel de defecador, papel de urinador. A estrutura do núcleo do eu permanece integrada a três áreas: corpo, ambiente, mente. Essas primeiras experiências, nas quais a criança se vê envolvida, irá influenciar definitivamente o tipo de estruturação fisiológica na qual estará neurologicamente implicado o sistema límbico.

O núcleo do eu resulta de uma série de processos evolutivos geneticamente programados, os quais, na medida em que ocorrem no espaço temporal vão dando lugar a organizações espaciais que culminam numa estrutura definitiva e estável. O núcleo do eu integra-se a processos evolutivos de forma estrutural.

Fonte do texto acima: O texto acima foi retirado da Internet, apenas a tradução para o português é nossa e salvo algum engano, atém-se rigorosamente ao original em espanhol. Nossa intenção agora é acrescentar recortes de autores que estão articulando suas teses à Neurociência e fazer alguns comentários para estudos e questionamentos.

2. COMENTÁRIOS SOBRE O TEXTO ACIMA (Leonídia Guimarães)

Pesquisando o corpo teórico-científico

2.1- Questão inicial

A neurociência nasceu com a aceitação do cérebro como “órgão da mente”, uma visão que divide os especialistas da área no exercício de teorizar filosoficamente sobre a mente segundo o chamado *problema ontológico* (separação mente-corpo) reafirmando de um lado o dualismo, para quem não há mente separada do corpo, e confrontando-se com o materialismo, segundo o qual o cérebro é a mente.

Alguns cientistas apontam a localização cerebral da fala por Broca - neurologista francês que descreveu a área de Broca como local onde se formula a linguagem, como a data de nascimento das neurociências; outros, como o próprio Broca, adotam as proporções localizacionistas de Gall, que abriram os horizontes que até hoje a Neurociência continua a explorar. A partir do momento em que se reconheceu que o córtex tem funções anatomicamente definidas, passou a ser possível – e mesmo compreensível- propor que diferentes funções mentais alojam-se em diferentes porções do córtex. Gall acreditava que o cérebro é na verdade uma série de órgãos com diferentes funções que produz comportamento, pensamento e emoção.

Ao longo dos anos, a Neurociência vem desenvolvendo a organização funcional do cérebro e sua relação com a cognição e a consciência humana. Atualmente conta com hipóteses testáveis sobre a geração da consciência. Damásio, proponente de uma delas, é o primeiro a examiná-las. Ele e sua equipe mostraram recentemente que de fato há ativação das regiões cerebrais que contêm mapas de primeira e de segunda ordem do estado do corpo quando a sensação de uma emoção chega ao conhecimento do indivíduo. Ou seja: o estado do corpo é peça importante na consciência das emoções.

Se Damásio estiver certo, sem cérebro não há consciência - mas sem corpo, também não. Segundo Damásio, a consciência depende do corpo específico que abriga o cérebro, aquele corpo que vem interagindo com o mundo, sendo modificado pela interação, o corpo no qual reações emocionais acontecem, e cujas lembranças ficam guardadas no cérebro. Por isso, mesmo que fosse possível reproduzir as funções neurais do cérebro de uma pessoa, não seria possível experimentar sua consciência. (Apud Herculano-Houzel, S. Revista Neurociências. Volume 2, No.4, p.210).

Carl Wernick descreveu casos de afasia opostos aos de Broca, tratando pessoas que podiam falar, mas que eram incapazes de compreender o que era dito. Como nesses

casos o lobo temporal esquerdo estava prejudicado, essa área passou a ser considerada responsável pela compreensão da linguagem. Por muito tempo, a distribuição das faculdades essenciais para a linguagem nas áreas de Broca e Wernick foi amplamente aceita. Além do mais, todos os destros e cerca de 30% dos canhotos utilizavam apenas o hemisfério esquerdo no desempenho das funções lingüísticas. Mas passou a ser questionada essa formulação, principalmente após pesquisas detalhadas de pacientes com déficits de linguagem e lesão cerebral. E também graças a experiências nas quais as estimulações elétricas de diferentes regiões do córtex provocavam déficits de linguagem muito específicos. Pouco a pouco, cristalizou-se a idéia de que o modelo das duas áreas era simplista demais.

2.2 – Ampliando para a Neurolinguística

Partindo desse pressuposto, neurolingüistas desenvolveram um novo modelo. Nele as funções da linguagem não estariam limitadas a zonas restritas, mas se espalhariam por uma área relativamente grande do córtex. Até mesmo as regiões subcorticais parecem ser de grande significado para as faculdades da linguagem, assim como a parte posterior do tálamo. É bastante provável que a fala, assim como a compreensão da linguagem, ativem complexas redes de diferentes regiões cerebrais. Cada módulo especializa-se, em parte, em uma tarefa, como conjugar verbos ou entender o que está escrito.

Por exemplo, ao ouvirmos a língua falada o sistema de reconhecimento da linguagem no cérebro inicialmente busca assimilar cada unidade sonora, desempenhando a chamada análise acústico-fonética. Depois, o cérebro separa as informações: no hemisfério esquerdo, as partes superficiais do lobo temporal e regiões profundas do lobo frontal analisam, primeiramente, as categorias de palavras. O sistema de reconhecimento da linguagem decide se tem diante de si um substantivo ou um verbo e, desse modo, assimila a estrutura sintática. Em seguida, neste canal de elaboração, vêm informações semânticas, ou seja, de significado. Ele decide quem fez o quê a quem. Paralelamente, a língua falada contém também informações prosódicas sobre a seqüência dos sons – a melodia da frase. Ela é elaborada em um segundo canal, no hemisfério direito. Todo esse processo demanda, no máximo, 600 milésimos de segundos por palavra. O córtex auditivo analisa a composição fonética do texto ouvido. No hemisfério esquerdo, a sintaxe e a semântica são identificadas. A elaboração prosódica ocorre no hemisfério direito.

Outro aspecto é que quando a melodia da frase (prosódia) não se ajusta ao significado das palavras ou à construção das frases, o indivíduo volta a revelar que há algum problema de interpretação. Como numa frase com entonação incorreta. O cérebro inicia outra tentativa de interpretação. Segundo pesquisas, há um modelo geral de elaboração da linguagem (conforme acima descrito). Entretanto, há frases e palavras que afetam emocionalmente a pessoa, de forma positiva ou negativa. Daí o fato de serem ressaltadas de formas diferentes, marcando inclusive diferenças entre os gêneros: as mulheres respondem a informações emocionais da melodia da frase mais rapidamente e para elas, ao contrário dos homens, a melodia da frase parece ser mais importante que o significado das palavras. Em caso de dúvida, dominaria a primeira. (Apud Friederici, A.D., Revista Viver Mente & Cérebro, Ano XIII No.151,p.57-59).

2.3 – Funcionamento do Cérebro: Os dois tipos de Memórias (Implícita e Explícita)

Do ponto de vista das neurociências o cérebro não funciona como um computador. Assim, por exemplo, o modelo clássico de funcionamento da memória que por muito tempo foi difundido pela psicanálise, e ainda hoje se encontra em muitos manuais de psicologia,

deveria ser abandonado. De acordo com ele, o cérebro armazena conhecimento na memória de longo prazo, em analogia com o computador. A informação poderia ser transferida para a memória primária ou de curto prazo, caso programas cognitivos de reconhecimento reconhecessem semelhanças entre a situação momentânea e uma anterior. O conhecimento armazenado ficaria à disposição como conhecimento atualizado para a solução do problema atual.

Estudos recentes da neurociência e da biologia evolutiva comprovam, porém, que esse modelo de memória está errado: o cérebro humano não funciona como um computador. Na cabeça não existem arquivos fixos, nos quais seriam armazenados conhecimentos ou sensações de situações anteriores na memória de longo prazo, podendo ser ativados a partir de lá. Nos novos modelos, considera-se que o cérebro deve se adaptar a um ambiente em constante mudança. Para isso, utilizamos também conhecimentos já existentes, que, no entanto, seriam constantemente reinscritos, sendo adaptados à respectiva situação. Se o cérebro funcionasse como um computador, não conseguiríamos reconhecer os acordes iniciais da Quinta Sinfonia de Beethoven tocados no piano do vizinho, pois o instrumento não produz os mesmos sinais acústicos que uma orquestra sinfônica. Mas aparentemente, o cérebro é capaz de reconhecer de modo ativo e criativo a analogia entre uma percepção atual e outra antiga. Essa capacidade básica já pode ser observada em bebês. Numa primeira experiência, uma criança pode levar tudo à boca, se lhe forem oferecidos jornais e maçãs, não fará distinção entre os dois. Pouco tempo depois, deixará o papel de lado e pegará as maçãs. Ou seja, o conhecimento não é arquivado de modo estático, mas dinâmico, e muda ao longo do tempo. Em conexões neuronais são feitas novas ligações entre as células nervosas, outras são afrouxadas, outras reforçadas. No ato da lembrança, usa-se a conexão neuronal; a lembrança revivida nesse contexto nunca corresponde exatamente à original (Apud Leuzinger-Bohleber, M. Revista Viver Mente & Cérebro, Ano XIII, No.145, p.25-29).

2.4- Nossas Considerações : articulando o exposto ao Núcleo do Eu

Neste sentido, talvez o modelo do núcleo do eu de Rojas Bermúdez possa integrar-se às noções atuais da Neurolinguística e biologia evolutiva. Isto apoiaria a hipótese de uma dinâmica relacional na qual o jogo de papéis sociais, embora fisiologicamente representados no neo-córtex (razão e pensamento consciente) estaria também ligado aos registros neuronais dos papéis psicossomáticos de ingeridor, defecador e urinador (sentimento e pensamento inconsciente) e, por conseguinte, essa sociodinâmica de papéis serviria como mediadora para a reinscrição de novos registros nos modelos psicossomáticos de papéis? Se isso fosse possível, dar-se-ia o enriquecimento e atualização dos registros neuronais dos papéis psicossomáticos podendo-se alterar os respectivos modelos de ingeridor, defecador e urinador durante a psicoterapia ao serem trabalhados o esquema de papéis, uma questão que remete ao chamado *efeito carambola* defendido por Vera Lemgruber:

O efeito Carambola refere-se à reformatação de circuitos cerebrais através da aprendizagem e reinterpretções de experiências passadas levando a novos trajetos para as percepções e pensamentos, o que modifica tanto os circuitos de memória explícita como implícita, propiciando a formação de novas redes de conexões neurais.[...] Liggan & Kay em 1999 mostraram que o modelo neural dos mecanismos de memória baseia-se em resultados de pesquisas que indicam que a aprendizagem e a experiência levam a mudanças significativas na neuroquímica cerebral, anatomia e eletrofisiologia e, como consequência, que a psicoterapia é uma poderosa intervenção que afeta e modifica diretamente o cérebro. [...] esse processo corresponde não só ao conceito de EEC

(*experiência emocional corretiva*) como também ao *Efeito Carambola*, termo que a autora utiliza desde 1995 para explicar a potencialização dos ganhos terapêuticos, como num jogo de bilhar onde uma tacada em uma determinada bola vem a provocar o movimento em outras bolas, que não haviam sido diretamente atingidas pelo taco. [...] E, como os afetos são nossos principais motivadores e respondem à aprendizagem, o tratamento psicoterapêutico deve focalizar naquela experiência de reestruturação afetiva que está mais prejudicada naquele determinado paciente. (Revista de Neurociências, Vol.2, No. 4, p.185).

Por outro lado, seguindo-se o modelo teórico estabelecido por Bermúdez a estruturação do núcleo do eu ao completar-se por volta dos 2 anos, período no qual não existe amadurecimento neurológico para simbolização, memória e representações, corresponderia ao tipo de memória implícita, chamada por J.L. Moreno memória assemântica, motivo pelo qual podemos atribuir ao núcleo do eu a noção de inconsciente de J.L. Moreno em seu sentido qualitativo ou de “não-consciência”. Isto é, como conteúdos que permanecem fora da consciência ou que não podem ser evocados de forma explícita, mas que podem ser atuadas pelo organismo através dos papéis psicossomáticos ou da representação de papéis que articulam a linguagem corporal para exprimir afeto, sensação e sentimento.

Considerando-se que os papéis psicossomáticos são formas automatizadas de comportamentos biologicamente determinados e produzidos em interação com o meio ambiente, os modelos psicossomáticos de ingeridor, defecador e urinador poderiam ser identificados segundo essa idéia de sistema aberto à reinscrição e resignificação das emoções, tendo em vista que dos 2 aos 4 anos de idade já é possível falar-se, segundo a Neurociência, de dois tipos de memória: implícita e explícita:

“As memórias explícitas (ou declarativas) são aquelas memórias registradas como fatos, lembranças, imagens, palavras, ou seja, são a idéia mais comum que temos da palavra memória. Este tipo de memória é verbal, e podemos relacioná-las às *representações da palavra*. As memórias implícitas, por sua vez, são aquelas registradas como sentimentos, emoções, afetos isolados, ou seja, o que não pode ser, a princípio, expresso através de palavras. Neste sentido, Andrade assim se refere às descobertas de Le Doux (1996) e Pally (1997): *Deste último tipo de memória faz parte, além da memória de procedimento (procedural) [...] a memória emocional, mediada pela amígdala, na qual emoções incondicionadas, isto é, primárias e pertencentes ao patrimônio genético da espécie, se juntam a outras, condicionadas sem a participação da consciência*” (apud Souza Lira, C.E. Revista de Neurociências, Vol.2 No. 2, p.86).

Até aqui, conseguimos entender o modelo do núcleo do eu como *memória emocional* inconsciente que pode ser acionada através do desempenho de papéis psicossomáticos, podendo-se atribuir também ao Si Mesmo fisiológico esta mesma noção em termos de pré-consciente, haja vista que a partir dos 2 anos de idade até os 4 anos os dois tipos de memória, implícita e explícita, podem ser acessadas livremente nos hemisférios cerebrais (HD e HE). Embora ainda não se possa falar de consciência da realidade social no interjogo de papéis, a criança transita livremente entre realidade e fantasia fazendo uso da representação de papéis psicodramáticos para atribuir significado psicológico às suas experiências. Dessa forma os conteúdos do núcleo do eu e do si mesmo fisiológico pertenceriam ainda ao que J.L. Moreno classifica como período de *Brecha entre realidade e fantasia*, ou seja, a um nível de consciência que é simultaneamente inconsciente e pré-consciente, fazendo-se assim a ponte entre o Eu e a Matriz Social, que permite o ingresso dessa matriz no Sistema Sociométrico (realidade social).

Caberia, então, acrescentar ao Esquema de Papéis as noções de consciente e co-inconsciente moreniano, uma vez que na teoria psicodramática a lógica do vínculo acontece em dupla via: co-consciente e co-inconsciente. Embora permaneça, em ambos, as noções de inconsciente e consciente individual, em cada parte do vínculo pode-se observar as características sociodinâmicas da realidade social. Por isso, no momento do encontro entre duas pessoas instala-se uma outra química relacional advinda do co-consciente e co-inconsciente de ambas, conforme refere Moreno na Segunda Palestra de *Fundamentos do Psicodrama*. Ou seja, em cada díade perpassa 2 tipos de ligações estabelecendo 4 tipos de vínculos (Inconsciente de A em relação a B; inconsciente de B em relação a A; consciente de A em relação a B e consciente de B em relação a A) criando uma rede sociodinâmica de relações que afeta o relacionamento e a sociodinâmica dos papéis.

Poderíamos dizer que dessa complementariedade emergente dos papéis sociais pode-se definir um novo vínculo capaz de gerar outros registros neuronais, e conseqüentemente, reinscrever tais experiências no núcleo do eu? Ou o modelo teórico do núcleo do eu permanece como um sistema fechado a novas experiências (inconsciente, impenetrável e permanente) tal como defende a psicanálise?

Sabemos que para Freud a *representação* (ou idéia) e a *quota de afeto* contida em cada mudança no estado da idéia (psiquismo) constituem os representantes psíquicos da pulsão, instinto ou energia psíquica. Isto quer dizer que segundo o sistema inconsciente freudiano a *quota de afeto* é energia pulsional e por isso se distingue do afeto propriamente dito. O afeto corresponde à percepção da descarga pulsional que atinge o corpo, ligando o somático à representação de uma idéia inconsciente. Por este motivo, para Freud não existe emoção inconsciente, já que toda emoção deve passar pela consciência. Pode-se falar apenas de *quota de afeto* na qualidade de pulsão (Souza Lyra, C.E. Revista de Neurociências, Vol.2, No. 2, p.86).

Não é esta a noção de J.L. Moreno ao se referir à quota de afeto como correspondente a Tele, conceito relacional compreendido como emoção primária, anterior à consciência do eu e independente de energia pulsional, embora possa ligar-se ao instinto. Em decorrência disto podemos dizer que no núcleo do eu se inscreve uma memória emocional inconsciente.

Se assim for, a *memória emocional* inconsciente ao ser acessada mediante a psicoterapia psicodramática traz uma forma ou papel que podem ser representados como *coisa* que expressa determinada idéia ou sentimento que, por sua vez, contém determinada quota de afeto (Tele) que interage com o meio e com o outro a partir da espontaneidade-criatividade disponível no sistema límbico e no ambiente. Destas interconexões, durante o interjogo de papéis, resultaria a estruturação do Esquema de Papéis, papéis sociais e papéis psicodramáticos. Dessa forma, a percepção de afetos, ao passar pela consciência poderia reinscrever memórias implícitas e explícitas. Isto explicaria porque a tele, enquanto quota de afeto, já pode estar presente desde o nascimento, embora só possa adquirir o seu status de afeto consciente pelo menos a partir dos 4 anos de idade, quando já é possível discriminar e representar simbolicamente coisas, pessoas e objetos, distinguir fantasia e realidade, e expressar idéias e pensamentos através da linguagem verbal e não-verbal, associando o inconsciente ao consciente.

Entretanto, ainda há muito para se entender sobre os processos da consciência. Segundo Antonio Damásio, neurologista da Universidade de Iowa, nos EUA, há várias formas de consciência, emoção e consciência caminham juntas, a emoção não é uma abstração

mental, mas um processo que nasce da interação entre o corpo e o cérebro, envolvendo dois processos: **ter** uma emoção e **sentir** uma emoção. Ou seja, o processo começa no cérebro, por indução de uma lembrança, cena ou situação real e, depois, provoca alterações no corpo: batimentos cardíacos, suor, alteração da pressão arterial... Só então o cérebro pode registrar essas alterações como um sentimento. Ou seja, tomar consciência de uma emoção envolve processos que exigem a formulação de novas teorias sobre cognição e a consciência. As hipóteses de Damásio apontam para a definição de um *proto-self* na condição de padrões neurais de primeira ordem (mapas básicos) que corresponderiam à imagem que o cérebro tem do corpo. Quando o corpo é modificado pela interação com o mundo esta imagem muda, configurando “os mapas de segunda ordem” que registram tais mudanças num *self-central*, situando o indivíduo no “aqui e agora”. Tanto a consciência do *self* central quanto a consciência do sentimento, dependem de representações de mudanças no corpo e afetam as mesmas estruturas cerebrais. A observação mais significativa de Damásio é que o comprometimento das estruturas do *proto-self* prejudica todos os níveis de consciência, pois a representação do corpo é o nível mais baixo de consciência. Além disso, durante acessos epiléticos ou crises de ausência, por exemplo, o *self* central ou a dissolução da consciência central inviabiliza a consciência ampliada. Em contrapartida, a consciência ampliada pode estar comprometida sem que a consciência central seja afetada, como acontece na amnésia e nos estágios iniciais do mal de Alzheimer. Dessa forma, vigília e consciência central não são sinônimos, muitos neurônios adormecem quando estamos despertos e vice-versa. O que explica certas formas de epilepsia em que o indivíduo permanece acordado e se comporta como um autômato.

Possivelmente o conceito de consciência de Damásio pode adaptar-se mais facilmente às noções do núcleo do eu e esquema de papéis, o trabalho mais árduo seria articular núcleo do eu, matriz de identidade social e sistema sociométrico à teoria dos papéis, sem criar o dualismo mente e corpo. Para isto talvez seja necessário aprofundar noções conceituais mais explícitas em relação à área ambiente, incorporada ao núcleo do eu por Rojas Bermúdez.

Nota: a bibliografia utilizada já foi citada ao longo do texto, para melhor compreensão seria necessário ler Rojas Bermúdez - Teoria y Técnica Psicodramáticas, Ed. Paidós; Damásio- O Mistério da Consciência, Cia. das Letras; e J.L. Moreno – Psicodrama (Cultrix), Fundamentos do Psicodrama (Summus) e Quem Sobreviverá? (Paidós e Livraria Goiânia).

Leonídia Guimarães, Psicóloga psicodramatista.

E-mail: leonidiaquimas@yahoo.com.br

Salvador, 17/10/2005